

ORA ET LABORA :

A EDUCAÇÃO FEMININA EM SOROCABA NA PERSPECTIVA BENEDITINA

Vânia Regina Boschetti

A temática envolve pesquisa sobre a educação em Sorocaba a partir de considerações sobre o ensino confessional católico no Brasil. Centra reflexões no Colégio Santa Escolástica, sujeito maior da investigação, instalado em Sorocaba desde 1905 pelas Irmãs Beneditinas de Tutsing, Alemanha. O Colégio é uma referência até hoje, mesmo considerando a concorrência advinda da expansão da empresa educacional.

A atuação do Colégio das Beneditinas se insere na História da Educação pelo forte viés do ensino privado confessional no Brasil. Herdando da Companhia de Jesus uma presença congregacionista, a existência dos colégios, internatos e semi-internatos instalados nas cidades atendiam em grande parte às elites agrárias. Dessa forma, a Igreja é das poucas instituições perenes em todo o território nacional, consolidando a condição de mater e magister, aliando interesses privados da educação escolar e concepção evangelizadora, com o beneplácido do poder público.

A pesquisa em desenvolvimento, reflete sobre os 100 anos de ação educativa do Santa Escolástica e para melhor entendimento do trabalho beneditino, à pesquisa teórica se associarão entrevistas, material didático, práticas pedagógicas, registros de eventos.

O Colégio, em seu maior tempo, foi escola feminina ou predominantemente feminina; a matrícula dos meninos quando feita destinava-os a classes exclusivamente masculinas; o recreio acontecia em pátio separado e, a permanência dos alunos era encerrada na 3ª série quando então deveriam se transferir para outra escola. Em poucos momentos a escola fugia dessa organização. A implantação de classe mista se deu somente em 1969, com uma 4ª série, em caráter único. A experiência satisfatória, permitiu a sua expansão para todas as turmas a partir de 1970, mesmo contrariando o interesse de famílias que pretendiam a manutenção do modelo anterior.

A prática pedagógica, bipolarizada em formação e cultura, primava por uma concepção humanista, baseando a formação geral e das normalistas em particular, em princípios cristãos.

Com esses propósitos, o Santa Escolástica, imprimiu um caráter rapidamente assimilado pela população: o rigor educativo trazido pela Regra de São Bento – ideário do trabalho beneditino e a formação das meninas das “melhores famílias” enquanto futuras

educadoras e futuras senhoras da sociedade, estabelecendo um caráter elitista reconhecido por todos e mantido, não sem certo orgulho, pela coletividade.

As propostas do Colégio e os interesses da população estiveram de tal forma afinados que, as discussões em torno da universalização da escola pública, da laicidade de ensino e da co-educação, intensificadas nas décadas de 30, 40 e 50, passaram ao largo do seu cotidiano. Os pais queriam aquela escola, com aquele projeto educativo/formativo para seus filhas e filhos: severa disciplina em todas as instâncias: horários, silêncio e introspecção; saudação em latim às religiosas; uso cotidiano do uniforme (cor, modelo, tecido); comunicação contínua com as famílias sobre o andamento de estudos e de atitudes. Publicamente esse disciplinamento se materializava, quando, em procissões e desfiles, a ordem , a elegância e a disciplina das “meninas do colégio” eram vistas pela população com respeito e admiração

ORA ET LABORA*:

A EDUCAÇÃO FEMININA EM SOROCABA NA PERSPECTIVA BENEDITINA

Vânia Regina Boschetti
Universidade de Sorocaba

“ Mergulhar no interior de uma Instituição Escolar, com o olhar do historiador, é ir em busca de suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou, e que não são gratuitas; é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos, técnicos e outros) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram, (...) e de muitas outras coisas”.

José Luis Sanfelice.

1. Considerações Iniciais

A temática faz parte de pesquisa sobre a educação em Sorocaba. A partir de considerações sobre o ensino confessional católico no Brasil, centra reflexões no Colégio Santa Escolástica, sujeito maior da investigação, instalado na cidade desde 1905 pelas Irmãs Beneditinas de Tutsing, Alemanha, que nestes 100anos, tem sido uma referência mesmo considerando a concorrência advinda da expansão da empresa educacional.

As considerações a seguir, se referem ao início da pesquisa que tem por objetivo fazer um estudo do Santa Escolástica, na perspectiva de uma historiografia que mesmo identificada com um sujeito particular, procura inseri-lo nos condicionantes dos vários momentos de sua existência. Tendo como referência conceitos de Léfèbvre sobre a vida cotidiana enquanto totalidade, põe em destaque, a expectativa confessional pelo trabalho educativo e o modelo desejado por uma sociedade que recebia com particular simpatia, uma educação específica para suas meninas.

A pesquisa se desenvolve a partir de fontes históricas que, como afirma Saviani (2006), “não são a origem do fenômeno histórico, mas o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da reconstrução historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado”. Empresta-se do autor, os três planos de utilização das fontes: a) material existente e arquivado sob a forma de livros, documentos, revistas, acervo jornalístico; fotografias; b) preservação e seleção do material coletado a ser utilizado nos vários momentos da pesquisa enquanto trabalho evolutivo e, c) testemunhos orais.

* Ora et Labora: síntese da Regra de São Bento (Regula sancta) que tem como finalidade suprema a perfeição Breligiosa do monge. LARROYO, F. História Geral da Pedagogia. Mestre Jou, SP, 1970

2. A Educação no ideário do cristianismo católico

Bento de Núrsia, no século VI organizou o monacato no Ocidente ao fundar a Ordem Beneditina para a formação dos monges. Como a Regra de São Bento exigia horas

de estudo para os religiosos, foi organizado um tipo de sistema de ensino. Essa sistematização levou algumas famílias cristãs a pedirem ao mosteiro que ficasse responsável pela educação de seus filhos. Desse modelo derivou o trabalho educativo dos beneditinos em todo mundo. Seguindo o irmão, Escolástica abraçou a mesma prática em seu mosteiro, recebendo para a educação, primeiramente as meninas consagradas a Deus e, mais tarde, as meninas externas, o quê, séculos mais tarde abriu passagem definitiva para a educação feminina não claustral.

A atuação do Colégio das Beneditinas se insere na História da Educação pelo forte viés do ensino privado confessional no Brasil. Herdando da Companhia de Jesus uma presença congregacionista, a existência dos colégios, internatos e semi-internatos instalados nas cidades atendiam em grande parte às elites agrárias. Dessa forma, a Igreja é das poucas instituições perenes em todo o território nacional, consolidando a condição de mater e magister, aliando interesses privados da educação escolar e concepção evangelizadora, com o beneplácido do poder público.

No Brasil dos séculos XVI e XVII o modelo predominante no país era de uma educação pública cristã cuja construção historiográfica está ligada à temporalidade histórica. É preciso entender “ que os interesses privados de natureza confessional tenham como horizonte a evangelização, não implica desconhecer que não sejam bem empresariados e lucrativos, mas sim em afirmar que o seu marco referencial implica uma sobrenaturalização da instituição escolar, quanto ao que informa do prisma concepcional e operativo” – (Araújo (...)) *Idem*, p.127)

A Igreja Católica no Brasil colonial não se desenvolveu nos princípios dogmáticos e de autoridade tão presentes no modelo espanhol de colonização. O território extensivo, as diversidades culturais entre a população nativa, a escrava e a portuguesa (esta nem sempre da melhor estirpe) redundaram numa prática religiosa pouco ortodoxa e quase sempre sob a responsabilidades de irmandades e confrarias leigas.

O laicado masculino, representado sobremaneira pelos cidadãos de prestígio senhorial, conduzia as questões religiosas numa perspectiva que Nunes caracterizou como de “muito Deus e pouco padre; muito céu e pouca Igreja, muita reza e pouca missa”(in PRIOPRE, 2001, p. 483).

A atuação das mulheres era restrita. Cabia a elas transmitir aos filhos os preceitos elementares da educação doméstica no âmbito das próprias residências e o enquadramento

às práticas religiosas de menor expressão como organização da sacristia, arrumação de altares e andores, manutenção dos objetos eclesiásticos.

No século XIX, entretanto, esse quadro foi redesenhado com o advento das normas estabelecidas pelo Concílio de Trento*, centralizando a adesão religiosa nos sacramentos, como canais transmissores da graça, tornando a figura do padre indispensável e retirando das irmandades comandadas por leigos o peso político e religioso.

A Igreja, estrategicamente, buscou, junto às mulheres, o público dócil que necessitava para incorporar, institucionalmente, sua reforma, entretanto, “... a dinâmica através da qual se feminiza o catolicismo no Brasil, longe de significar um investimento das mulheres no exercício do poder sagrado, representa de fato, a reafirmação do seu estatuto subordinado” (Idem,p.491).

Apesar da prática restritiva, as mulheres capitalizaram alguns ganhos, sobretudo no campo da educação, com a expansão das escolas católicas dirigidas por religiosas estrangeiras que no Brasil aportaram, instalando seus conventos, educandários e as chamadas escolas para meninas.

Funcionando na dependência direta dos bispos e sob forte controle clerical, de tal maneira os colégios religiosos se consolidaram que, na segunda metade do século XIX, respondiam por 60% das escolas secundárias existentes tradutores de uma educação de caráter conservador centrado no modelo familiar cristão medieval. (NUNES, 2001).

Para muitos a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida educação cristã – chave de qualquer projeto educativo, “esperava-se que as meninas e jovens construíssem suas vidas pelo legado mariano e seu apelo pela socialização da pureza, da maternidade, da perfeição moral, aceitação de sacrifícios pelo bem da família e dos filhos”. (idem, p....). Atuando como ratificador dessa realidade, o princípio expresso pela 1ª Lei de Instrução Pública do Brasil, de 1827, assim se expressava:

“ As mulheres carecem tanto de mais instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam sua conduta aos sentimentos delas”.

* O Concílio de Trento, o mais longo da história, realizou-se de 1545 a 1563 e teve três fases distintas, ao final das quais se fez a auto-afirmação da Igreja como sociedade universal de salvação, contra as diversas formas de individualismo e subjetivismo que se faziam sentir fortemente no limiar da Idade Moderna.(AQUINO,Felipe. O Concílio de Trento, in www.cleofas.com.br/virtual/texto.

Aprofundando a análise, é possível considerar que a imigração das freiras européias para o Brasil a partir de perspectivas mais amplas:

a) ideológica: a situação político-social da Europa pós Revolução Francesa com sua ideologia laica, era francamente hostil a atuação confessional;

b) religiosa: o caráter missionário com suas prédicas de conversão e expansão, aparece na história de todos os povos colonizados como grande mobilizador das ações religiosas; independente do momento histórico, das configurações políticas e das características sociais, a Igreja criou tradição de ensino, muitas vezes concebida na prática como uma experiência transcendental priorizando os objetivos pastorais

c) social: as religiosas de vida ativa (diversificação do modelo monacal de clausura), desempenharam também significativa ação social. Conquistaram a confiança da população, pois enquanto “irmãs de caridade”, personificaram com dedicação, o atendimento às crianças abandonadas, aos doentes, aos idosos nas Santas Casas de Misericórdia e nas instituições assistenciais. Algumas ordens religiosas se dedicaram especialmente à educação de meninas órfãs com a preocupação de preservá-las, cuidando “das moças sem emprego e daquelas que se desviavam do bom caminho”.(LOURO, Guacira Lopes)*. princípios de estruturação interna do que à ação efetiva, há muito realizada pela congregações femininas.

3. O Colégio Santa Escolástica

As beneditinas chegaram ao Brasil em 1903 e instalaram-se em Olinda. De lá um grupo deslocou-se para Sorocaba. Assim se estabeleceram os dois priorados no Brasil. A vinda à Sorocaba, dava continuidade à tradição beneditina vinculada à história da cidade: Baltazar Fernandes, seu fundador, trouxera beneditinos à vila, quando da fundação, para dar assistência espiritual e intelectual à população. (Jornal Terceiro Milênio, set.2004,p.4)

Menon (2000) explica que, instalaram-se em um casarão de 1790 (construção escrava), comprado juntamente com a Igreja do Rosário em anexo, por 30 contos de réis, pagos com apoio do clero e das mensalidades das alunas do internato que começara a funcionar.

A ação educativa do Santa Escolástica na cidade de Sorocaba, pode ser entendida num tempo contínuo e descontínuo, como categoriza Léfrèbvre. Primeiramente, cresce

* As irmandades religiosas masculinas em meios pobres, eram pouco numerosas. A idéia de “opção pelo pobres”, dos anos 70/80, com raras exceções, esteve mais ligada à discussão conceitual que a uma ação efetivamente concreta,

a partir de um marco zero, ou seja, a chegada das beneditinas à cidade em 1905, a pedido de Dom Miguel Kruse, prior do Mosteiro São Bento em São Paulo. Posteriormente,

fragmenta-se em tempos divididos, destinados a várias atividades como: preparação de novas religiosas do juvenato aos votos perpétuos, sistema de internato, semi-internato, Escola de Aplicação (Externato São José) para alunos carentes, escola aberta para alunos externos dos antigos Jardins de Infância ao Curso Normal e Conservatório Musical (este como atividade paralela oferecida às famílias que pretendiam estudo de piano, violino e flauta doce para seus filhos). Algumas irmãs ainda davam aulas particulares de alemão. Como instituição educativa, confessionalmente católica, está oficialmente reconhecida desde 1918.

O Colégio, em seu maior tempo, foi escola feminina ou predominantemente feminina; a matrícula dos meninos quando feita, destinava-os a classes exclusivamente masculinas; o recreio acontecia em pátio separado e, a permanência dos alunos era encerrada na 3ª série quando então deveriam se transferir para outra escola. Em poucos momentos a escola fugiu dessa organização. A implantação de classe mista se deu somente em 1969, com uma 4ª série, em caráter único. A experiência satisfatória, permitiu a sua expansão para todas as turmas a partir de 1970, mesmo contrariando o interesse de famílias que pretendiam a manutenção do modelo anterior.

A prática pedagógica, bipolarizada em formação e cultura, primava por uma concepção humanista, baseando a formação geral e das normalistas em particular, em princípios cristãos.

Com esses propósitos, o Santa Escolástica, imprimiu um caráter rapidamente assimilado pela população: o rigor educativo trazido pela Regra de São Bento – ideário do trabalho beneditino e a formação das meninas das “melhores famílias” enquanto futuras educadoras e futuras senhoras da sociedade, estabelecendo um caráter elitista reconhecido por todos e mantido, não sem certo orgulho, pela coletividade. Mesmo numa análise ligeira, a escola beneditina, concretizava desde seu início, uma síntese do que significou a importância da Igreja e da família na esfera da educação. A esse respeito, uma ex-aluna (estudante de 1956-1967), assim se expressou quando da entrevista: “ ...sempre costumo dizer que se consegui ser “alguém” hoje em dia, devo isso também ao Colégio Santa Escolástica. Dentro dessa escola aprendi o valor da verdadeira amizade, cresci, convivi, brinquei, ri, chorei... enfim tudo o que aprendi, me fez acreditar nas pessoas e principalmente na vida. Levarei o colégio no meu coração para sempre”.

As propostas do Colégio e os interesses da população estiveram de tal forma afinados que, as discussões em torno da universalização da escola pública, da laicidade de ensino e da co-educação, intensificadas nas décadas de 30, 40 e 50, passaram ao largo do

seu cotidiano. Os pais queriam aquela escola, com aquele projeto educativo/formativo para seus filhas e filhos: severa disciplina em todas as instâncias: horários, silêncio e introspecção; saudação em latim às religiosas; uso cotidiano do uniforme (cor, modelo, tecido); comunicação contínua com as famílias sobre o andamento de estudos e de atitudes.

Diz um ex-aluno, com 7 anos de Santa Escolástica

Publicamente esse disciplinamento se materializava, quando, em procissões e desfiles, a ordem , a elegância e a disciplina das “meninas do colégio” eram vistas pela população com respeito e admiração .

que outras preocupações...

ênfases dadas...arrumando determinados conceitos e práticas através de determinadas estratégias...

Referências:

LOMBARDI, José Claudinei. JACOMELI, Maria Regina M. e SILVA, Tânia Mara T. da (orgs). O Público e Privado na História da Educação Brasileira. Campinas, SP, HISTEDBR Autores Associados, Unisal, 2005

(Carlos Jamil Cury – O Púb e o Privado na Hist. Da Ed. Brás.:concepções e práticas educ.)*

(Ester Buffa – O Pub. E o Priv. na Hist. Da Ed. Brás. – 35 ou 37)

(Antonio Joaquim Severino –O Pub. E o Priv. como categoria de análise em Educação – 35 ou 37)

p. 135?????

(José Carlos Souza Araújo – O Pub. E o Priv...: uma reflexão desde o marxismo)

Cury. (2005,p.6).

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil, in PRIORE, Mary Del (org), História das Mulheres no Brasil, São Paulo, Contexto, 2001

_____. Prática político-religiosa das congregações femininas no Brasil – uma personagem histórico-social, in AZZI et alli, Os religiosos no Brasil, São Paulo, Paulinas, 1986.

(SANFELICE, José Luis. História, Instituições e Gestores Educacionais, Revista HISTEDBR On-line , Campinas, nº especial, p.20-27, ago.2006 – ISSN: 1676-2584).

(SAVIANI, Dermeval. Breves Considerações sobre fontes para a História da Educação, Revista HISTEDBR On-line , Campinas, nº especial, p.28-35, ago.2006 – ISSN: 1676-2584).

Polarização de discussões em torno da laicidade educativa – a questão, na verdade, é decorrência maior dos interesses vinculados à destinação das verbas públicas, do que ao direcionamento das questões educativas, propriamente ditas.

C) Religiosas – conscientemente ou não – alargaram o campo de atividades para além do espaço doméstico; administraram, lideraram, foram agentes dinâmicos e inovadores; presença social, ponto de convergência de mulheres numa sociedade que não oferecia espaço para as mulheres